

A LEITURA NAS SÉRIES INICIAS ENQUANTO FORMAÇÃO E REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE QUILOMBOLA

DEISE CRISTINA DE OLIVEIRA CARVALHO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

DR^a. KELLY BARROS SANTOS
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Resumo

Este é um trabalho voltado para a importância da leitura nas séries iniciais enquanto via de formação e reafirmação da identidade quilombola das crianças, tendo ainda como foco a variação linguística regional como instrumento que pode tanto distanciar como aproximar o indivíduo do processo educativo, sendo ainda um importante instrumento da construção e de reafirmação de identidade dos sujeitos, ou não. Busca-se perceber que não cabe o julgamento entre língua certa ou errada e nem bonita ou feia, o que há de fato é uma língua que possui características e padrões próprios e distintos entre a língua padrão – escrita, e a língua não padrão, bastando apenas que os sujeitos se adequem as suas formas e contextos de uso. Pois as variações nada mais são do que constituições históricas, social e culturalmente constituídas a partir das relações humanas, que enriquecem e significas as singularidades de cada grupo étnico ou cultural. Sendo a educação básica instrumento e a leitura os meios estratégicos que propiciam aos alunos a participação e compreensão da temática a partir da assimilação teórica e prática acerca das variações que acontecem na língua e para além dela, que ocorre principalmente em nosso país, por ser de grande extensão e composto por múltiplas culturas desde a formação de nossa língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Identidade Quilombola. Variação Linguística Regional.

4076

Abstract: This is a workaround for the importance of reading in the early grades as a way of training and reaffirmation of maroon identity of the children, and left focused on regional linguistic variation as a tool that can both distance how to approach the subject of the educational process, yet a important instrument of construction and reaffirmation of identity of the subject or not. The aim is to realize that it is not for the judgment between right or wrong language and not beautiful or ugly, what in fact is a language that has its own characteristics and patterns and distinct from the standard language - writing, and the language does not default, simply only that the subject suited its forms and contexts of use. Since the variations are nothing more than historical constitutions, socially and culturally constituted from the human relationships that enrich and significas the singularities of each ethnic or cultural group. As basic education instrument and reading the strategic means that provide students with the participation and understanding of the theme from the theoretical and practical assimilation about the changes that happen in the language and beyond, which occurs mostly in our country, because it is great length and composed of many cultures since the formation of our Portuguese. Uma tradução ao Inglês do resumo feito acima.

Keywords: Portuguese. Quilombo identity. Regional variation Linguistics.

Introdução

A leitura nas séries iniciais enquanto formação e reafirmação de identidade quilombola foi uma escolha fundamentada na variedade étnica e cultural brasileira e pela existência de preconceitos ainda existentes, principalmente no período de formação escolar, a qual também é uma fase de construção e fortalecimento da formação da identidade e das relações sociais que permeiam e que excedem os limites da escola.

Esse preconceito é fruto do desconhecimento, seja ele causado por a falta de contato social com as múltiplas diferenças, seja por a falta de habilidade e intervenção docente de educação básica. Devendo o profissional docente, principalmente pedagogo/a ou licenciado em Letras, possuir requisitos que o subsidiem na sua práxis docente frente aos problemas contemporâneos que ainda se caracterizam como velhos problemas sociais referentes as diferenças étnicas e culturais. Podendo este trabalhar colaborar para minha formação docente, seja pelo arcabouço teórico, seja for a assimilação entre teoria e prática em Educação Quilombola e pela desenvoltura em lidar com assuntos comuns que acabam se tornando polêmicas por permearem as relações humanas.

O artigo tem seu foco na busca da mediação de conhecimentos e entendidos por parte dos alunos das séries iniciais da educação básica acerca da formação de identidade que pode e deve também ocorrer através da leitura enquanto instrumentos que salientam de forma valorativa as características socioculturais que compõem a formação de identidade de cada ser, pois cada indivíduo se comporta e se comunica dentro de um “padrão” pré-concebido e mutável culturalmente em que, ele em convívio social, adquire costumes, comportamento e falares típicos que dão à ele uma singularidade, a chamada identidade pessoal.

Dessa forma, a pesquisa nessa campo se justificou por seu papel mediador do conhecimento histórico, seus avanços e a renovação dos recursos de leitura construtiva, levando-os a perceber as diferenças enquanto pontos valorosos de sua identidade particular e compartilhada. Busca-se então que isso possa acontecer por meio de atividades teóricas e práticas em que o aluno seja o principal agente do processo educativo e se perceba nas leituras, para que a criança se perceba como parte do que aprende e agente de mundo.

Isso se fará por meio do desenvolvendo métodos que viabilizem o conhecimento sobre as variações humanas, salientando as características próprias enquanto reafirmação de suas identidades e percebendo o que há de padrão e de não padrão. Levando o educando a refletir sua postura, desenvolvendo o senso crítico frente aos próprios processos e aos alheios,

causando maior entendimento e aceitabilidade da diversidade e com isso, no futuro, maior participação da vida em sociedade e do mundo a sua volta.

Diversidade cultural brasileira: a variação linguística em foco

O Brasil desde o início de sua origem é caracterizado por sua diversidade cultural, que aos poucos foi sendo construída através de relações sociais entre índios, colonizadores, africanos, italianos espanhóis e tantos outros que de alguma maneira, separados geograficamente, foram dando características diferentes ao nosso povo, sendo elas reflexo da dinâmica populacional e da natureza entre os contatos entre grupos étnicos e sociais em diferentes momentos históricos.

Caliari (2001) então defendia que são esses fatores sóciohistórico e geográficos que impossibilitam rotular ou definir a língua, por exemplo, como certa ou errada, bonita ou feia. Isso dado ao fato de que cada indivíduo possui sua identidade própria, a variação das linguagens são norteadas por um fazer social, cultural e histórico que possui significados diferentes para cada grupo e seus indivíduos. Mas, é preciso que seja tomado o cuidado em não eleger uma ou outra como modelo ou superior as demais.

Esse é um fator importante a ser inserido na formação discente para que os mesmos possam perceber o que isso representa em sua sociedade como o todo, mas principalmente o que a própria linguagem representa para si. Percebendo a diferença entre grupos e reconhecendo os fatores que diferencial cada um, pois a questão social é um fator determinante das variações linguísticas. Segundo Bagno (2002):

mesmo que tenhamos tudo isso muito claro em nossas mentes, é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociológico, o “erro” existe e sua maior ou menor “gravidade” depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. [...] O “erro” linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante. (2002, p.73)

Mas, todas as variações linguísticas fazem parte dos sistemas linguísticos que atendem adequadamente as exigências de uma boa expressão das necessidades comunicativas. Não devendo para tanto, como já mencionado, estigmatizar as variedades nem tão pouco utilizá-las para discriminar um ou outro grupo tido como “diferente”. Um exemplo vivo desse é quando se fala de agricultor ou homem do campo, assim como geralmente acontece no mês de junho, se atrela à essa ideia de composição do personagem a uma linguagem de tempos atrás, com

falares que tem o caracterizado como matuto e atrasado desse grupo. Importante salientar que, segundo Bagno (2000), a língua é um patrimônio social e não unitário, resultado de situações sociais, culturais e geográficas. Visto que toda língua varia devido fatores geográficos e tempo.

A língua falada no território brasileiro possui diversas variações, que são por sua vez, reflexo da relação da língua com o ambiente, sendo o contato da língua com o espaço físico o desencadeador das diferenças regionais. Existências de variação essas que acontecem em maior ou menor grau de entendibilidade, mas que não impossibilita seu entendimento. Essas variações linguísticas regionais estão principalmente atreladas a pronuncia e a diferença entre vocábulos. Essa diferença é o que geralmente nos leva a perceber o diferente uso do nordestino em sílabas pré-tônicas são pronunciadas com as vogais mais abertas.

Mas, essas “diferenças” ou variações linguísticas não são oriundas apenas das variedades geográficas, ela sofre variações de gênero, ou seja, quando é falada por um homem ou uma mulher, sofre também variação quando é falada por um adulto ou por uma criança, por um indivíduo alfabetizado e um não alfabetizado, entre as diferentes classes sociais, na variação entre zona rural e urbana e em tantas outras situações em que as singularidades sociais, biológicas, culturais, educacionais fazem com que a linguagem seja utilizada de forma diferenciada. Mas, em todas as suas nuances, a linguagem representa papel fundamental na formação do indivíduo, em que Soares (2000) diz que:

é necessário destacar que as relações entre linguagem e cultura constituem a questão fundamental, nuclear, tanto na ideologia da deficiência cultural quanto na ideologia das diferenças culturais; em consequência, desempenham um papel central nas explicações do fracasso escolar, [...]. O papel central atribuído à linguagem numa e noutra ideologia explica-se por sua fundamental importância no contexto cultural: a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão. [...] em consequência, nesse quadro de confrontos culturais, a linguagem é também o fator de menor relevância nas explicações do fracasso escolar das camadas populares. É o uso da língua, na escola, que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que geram discriminação e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e levam a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada. (2000, p. 16-17)

Tendo no discriminatório conceito da linguagem comum e geralmente utilizada pelos alunos como um erro, um dos principais fatores de desvalorização da identidade de cada um e desencadeador do desinteresse e desmotivação que levam a maioria das pessoas a se entenderem como desconhecedoras e praticantes da própria língua, a Língua Portuguesa, se sentindo dessa forma excluídos do processo de ensino.

Educação escolar: construindo identidades?

A educação deve agir na busca não de separar as linguagens entre certa ou errada, bonita ou feia, mas deve salientá-la como instrumento social e ao mesmo tempo fruto dessas relações, em que a variação da mesma é apenas a expressão de uma sociedade multicultural, em que a forma padrão e não padrão devem ser trabalhadas apenas como variações e não como diferenças que desvalorizam e causem a exclusão daqueles que as usam, pois a língua é um conjunto dessas variações.

Mas, a língua padrão geralmente ganha tanto notoriedade nos processos sociais e educacionais, que acabam caracterizando a língua não padrão como imprópria e pobre, o que automaticamente desvaloriza os fatores de identidade de cada indivíduo e o faz se sentir excluído dos processos educacionais, pois ele nunca se vê nos livros didáticos, nas temáticas em sala aula. Esse é um fato que muito me lembra a polêmica de tempos atrás referente a ao preconceito racial, em que a criança negra não se enxergava no livro didático pela ausência de figuras negras, com isso ou a criança se sentia um ser diferente, negativamente falando, ou ela tinha uma visão deturbada sobre si mesma. Assim como acontece com aqueles praticantes da língua não padrão.

Cientificamente não há como se admitir que uma forma linguística venha a ser superior ou inferior a outra, pois o português padrão é aprendido e apreendido, exigindo um processo em que se decora, memoriza e recobra do falante um treinamento linguístico para que o mesmo se torne apto a dominá-lo. Já o português não padrão, é uma construção naturalmente social, cultural e geográfica que representa parte da identidade do indivíduo e de seu povo, o que dá à ela a visão de legitimidade. Dessa forma, Madga Soares (2000, p. 82-83) define esses dois dialetos como:

Dialeto-padrão: também chamada norma-padrão culta, ou simplesmente norma culta, é o dialeto a que se atribui, em determinado contexto social, maior prestígio; é considerado o modelo – daí a designação de padrão, de norma – segundo o qual se avaliam os demais dialetos. É o dialeto falado pelas classes sociais privilegiadas, particularmente em situações de maior formalidade, usada nos meios de comunicação de massa (jornais, noticiários de televisão, etc.), ensinado na escola, e codificado nas gramáticas escolares (por isso, é corrente a falsa ideia de que só o dialeto-padrão pode ter uma gramática), quando qualquer variedade linguística pode ter a sua.

Então, o português padrão é então entendido como um modelo com forma e medidas, das quais os indivíduos devem apreender (BAGNO, 2000). E a língua não padrão é a variação linguística não constituintes das gramáticas tracionais, dos dicionários e livre de normas ou padronizações como as que acontecem com as reformas ortográficas, devido o seu caráter naturalmente sociocultural, produzida e aprendida no desenvolver da vida prática, de acordo as

características de identidade social de seu grupo e/ou região. Dessa forma, a escola ao presar por o português padrão, está diretamente negando singularidades culturais da língua, muitas vezes sufocando muitos dos nosso falares típicos, seja por o seu desuso natural ou preconceituoso em que se deixa de usar por a diferença que nele reside.

O livro didático nos traz uma língua que, segundo Perini (2001), não é a nossa língua materna, pois língua utilizada nesses livros não é aquela que aprendemos com nossa família, mas um que nos é imposta após o ingresso no processo educacional. Dando a ideia de que temos duas línguas, uma que se escreve, que é português padrão, e outra falada que é a materna, dominada e utilizada pela maioria dos brasileiros informalmente.

Talvez seja esse um dos entraves da produção textual. Pois é notável que embora o indivíduo possua habilidade orais, quando se pede que ele coloque em palavras aquele pensamento ou fala, ele simplesmente trava, dando essa noção de que a fala é uma coisa e a escrita outra, como se fossem duas línguas distintas e como se a língua escrita fosse algo que causa entrave e a língua materna não podendo ser utilizada, escrita como se fala, distancia o indivíduo e o faz se sentir alheio ao saber. O que leva Perini (2001) acreditar que o correto seria escrever português e falar a língua materna, o que ele chama de vernáculo, não havendo inversão.

4081

O processo de construção linguística da criança

As crianças quando iniciam a educação fundamental, são consideradas deficientes linguísticos e é desconsiderada toda sua construção linguística pré-concebida. O processo educativo vai

reprimindo-os com tratamentos inconseqüentes, como um excesso de correção de pronúncia, de acentuação ou de emprego de termos regionalistas, pode desencadear nos estudantes características de incapacidade, difundindo-se em posições que definem propriamente a classe de dominados. (ANDRADE, 2012, p.543)

Quando ingressos na educação básica, já com um olhar crítico mais aguçado, os alunos começam a ter uma visão mais excludente acerca do processo educativo, e com isso também começam a discriminar tudo aqui que também lhe foi encucado como diferente e não padrão, assim como acontece com as variações linguísticas regionais.

Para isso, Possenti (1996, p.80), salienta que é preciso

Traçar uma diferença que nos parece fundamental: a distinção entre diferença linguística e erro linguístico. Diferenças linguísticas não são erros, são apenas construções ou formas que divergem de um certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua.

Essa é uma questão ainda abordada por os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, ao enfatizar que o importante não é saber falar certo ou errado – padrão e não padrão, mas que o fundamental é saber qual forma de falar deve ser utilizada em cada contexto. É saber falar, onde falar, como e com quem se comunica. Adequando a língua as necessidades comunicativas e dos interlocutores dos quais o texto falado se destina, adequando o texto a cada circunstância de seu uso no propósito de atingir êxito na intenção da comunicação.

O ensino de Língua Portuguesa na educação básica então assume, por meio do papel do professor, ação fundamental para que haja tanto a inclusão e valorização das características de identidade da comunidade, como do processo de adequação do uso da língua a cada contexto vivenciado pelo aluno.

Tendo sido a língua padrão definida como aquela de uso elitista, e sendo a educação básica um período em que os alunos já estão totalmente imersos no uso social da linguagem de seu povo, a escola é se não o meio através do qual a língua padrão é transmitida. Devendo ela, frente a diversidade dos grupos sociais que atende, ensinar as variantes linguísticas como mais uma variação da comunicação, sem defini-las como certas ou erradas.

Cabe então ao professor, mediar esse processo de forma indiscriminatória, sendo democrático e esclarecedor acerca dos modelos da língua. Esclarecendo aos seus alunos que o tido como culto é apenas um dos aspectos da língua que é:

o aceito pela sociedade em geral e que nas comunicações oficiais se deve usufruir desse modelo, porém, sem desvalorizar os variantes linguísticos presentes e/ou pertencentes àquele ou este grupo ou região geográfica do Brasil, mostrando também a importância e o porquê devemos ter domínio sobre a norma padrão, no intuito de despertar no educando a aprendizagem e o senso de intervir na sociedade, não para adaptar-se a ela, mas entendê-la melhor de forma argumentativa. (ANDRADE, 2012, p. 544)

Entendo com isso, que a língua tida como padrão, pode ser vista como uma forma de se normalizar e possibilitar um melhor entendimento e nivelação do padrão de comunicação entre os diferentes grupos e suas variações linguísticas típicas e singulares de cada região ou grupo. Pois a língua materna possui significados únicas para dá um. Assim, Bagno (2002, p.143), menciona o quanto é importante “[...] não confundir erro de português (que afinal, não existe) com simples erro de ortografia. A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural”. Devendo o professor, aguçar em seus alunos um papel de políglotas da própria língua

(BECHARA, 1998, p. 14), e compreender colaborar com a construção e valorização da própria identidade daqueles que até então eram vistos como marginais a língua.

Leitura nos anos iniciais: a literatura como concepção de mundo

A literatura nos anos iniciais é de fundamental importância para que a criança tenha desde cedo gosto e prazer pela leitura. O contato com o universo da leitura possibilita a criança a desenvolver suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais, bem como formar concepções sobre o mundo a qual está inserida, como coloca a autora que:

Através da linguagem simbólica, a literatura infantil pode influenciar na formação da criança, que passa a conhecer o mundo em que vive de maneira a compreender: o bem e o mal, o certo e o errado, o belo e o feio, amor e raiva, a dor e o alívio, entre outros. Por isso, aos poucos, a criança compreende o mundo adulto do qual faz parte. (GOES, 1999, *apud* MELO, 2009, p. 2)

Neste sentido, percebe-se que a literatura não exerce apenas o papel de aquisição da leitura e da escrita por parte dos alunos, mas também é por meio da leitura apreendida com base nos textos literários que as crianças constroem sua opinião em relação ao mundo adulto do qual fazem parte e acerca de si mesmas.

A escola tem um papel importantíssimo no que se refere ao trato com a educação quilombola nos anos iniciais, esta primeira modalidade de ensino desempenha uma função de criar e cultivar nas crianças o desejo de aprender ler e a escrever possibilitando, a partir do seu contato com a instituição de ensino a desenvolver suas aptidões no que concerne o ensino da leitura e escrita, porém, essa não é apenas uma função da escola, mas também da família. Pois os hábitos de leitura devem ser cultivados desde cedo na criança, sendo assim a família exerce um papel de extrema importância na construção da identidade e do hábito de leitura na criança, como coloca o autor

Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Neste sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios. No entanto, de acordo com a UNESCO (2005) somente 14% da população tem o hábito de ler, portanto, pode-se afirmar que a sociedade brasileira não é leitora. Nesta perspectiva, cabe a escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, não por obrigação (LUCIANO, 2012, p.6)

Nesta perspectiva, se a criança não é estimulada no seio familiar a desenvolver o gosto pela aprendizagem da criança, cabe agora tão somente à escola a elaborar estratégias que desperte o prazer com o mundo impresso na criança, principalmente em um país como o Brasil em que os dados da citação acima, apontam para uma cultura familiar onde a leitura é pouco praticada.

A literatura infantil contribui de várias formas com o desenvolvimento da criança, além de desenvolver as capacidades cognitivas, a aquisição da leitura, contribui também de modo significativo para a construção de valores que refletem posturas que a criança possa desenvolver na sociedade como: o senso crítico, seu conceito e identidade, a solidariedade, o respeito ao próximo, amor e a união em família, humildade a esperteza, a bondade, nesta ótica, Oliveira e Motta (2002) colocam que “Esses valores implícitos nas histórias são transmitidos para as crianças por meio de uma linguagem simbólica que pertence à história, pois na grande maioria das histórias o “bem” e o “mal” são facilmente identificados por elas”.

A literatura infantil é formada por uma vasta diversidade de gêneros literários, dentre eles podemos destacar a “fábula”, que está presente na vida do ser humano desde os tempos mais remotos, contribuindo com a educação da criança de maneira imprescindível, principalmente nas construções dos valores sociais. Segundo Oliveira e Motta,

4084

A fábula é um gênero literário muito antigo, encontrado praticamente em todos os períodos da história e em várias culturas. Seu caráter universal se deve, principalmente, pelo fato de ter grande ligação com a sabedoria popular, tirando delas algum ensinamento útil ou lição prática sobre o que acontecesse em nossas vidas. Toda fábula trata de atitudes humanas, como a disputa entre fortes e fracos, a esperteza, a ganância, a gratidão, o ser bondoso. Enfim, estes fatores facilitam a compreensão de certos valores pelas crianças, valores de conduta humana ou convívio social. (2002, p.3)

É perceptível que à luz do exposto acima, as fábulas têm um objetivo explícito seja no despertar o lado curioso da criança em compreendê-las, bem como todos os seus atributos, como também, transmitir uma ideia de valor uma vez que todas as fábulas trazem em seu findar uma reflexão sobre os princípios morais predominantes na sociedade.

As fábulas, por exemplo, podem ser definidas como um dos vários gêneros da literatura infantil, que objetiva passar uma lição de moral para a criança ou leitor, segundo Oliveira e Motta (2002), “as fábulas são histórias imaginárias que tentam explicar o comportamento dos homens, alertando para o descompasso que pode existir entre a fala das pessoas e suas ações. Delas sempre se tira uma lição”. Podendo-se para isso, se fazer uso de desse instrumento mas dentro do contexto e das relações com a vida quilombola, assim como de acontecer desde a

escolha docente pelo material a ser utilizado em sala de aula, que de sim ressaltar as características e cultura de seu povo.

No universo educacional, uma das estratégias que os profissionais da educação se apoiam para trabalhar com as crianças os valores sociais ou morais, são as fábulas, esta se constitui uma ferramenta poderosa no que se refere ao trato com os princípios morais, isto é, os valores humanos.

Entretanto, embora as fábulas sejam uma forte fonte pedagógica de ensino no que concerne a leitura e a construção dos valores humanos, esta sofreu muitas críticas, como por exemplo, de pensadores como Rousseau, devido ao seu caráter dualista ou seja, na medida em que as fábulas utilizam de suas morais para passar uma ideia de valor, permitem que a criança analise os dois lados podendo neste rumo, criar uma confusão na cabeça do leitor. Conforme Melo,

O emprego da fábula, no ensino, provocou resistências desde o começo da moderna didática. Rosseau, em seu radicalismo questiona o valor de instrução que as fabulas exercem sobre as crianças, visto que elas partem da realidade, mas não são verdades absolutas, e que é muito difícil fazer a criança entender a moral das fábulas, pois as ideias estão fora de seu alcance. (2009, p.4)

Dessa forma, cabe ao professor juntamente com a equipe pedagógica escolher de forma seletiva as fábulas antes de serem passadas ou narradas para as crianças, de modo que estas possam ser interpretadas de maneira clara e objetiva.

4085

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório o gosto das crianças pela leitura, desde que isso lhe faça sentido e lhe inclua, visto que elas mesmas conseguem acompanhar as sequências cronológicas dos fatos narrados, como também, entendiam e fixam nos acontecimentos mais marcantes naquilo que se propõe ler ou é induzido a ler.

O trabalho com diferentes instrumentos e variações linguísticas permitem de forma dinâmica trabalhar a oralidade e nela a formação de identidade da criança, bem como a sua afetividade, o cognitivo, os aspectos motores, a sociabilidade, interação e os valores com as

crianças. Isso significa que a leitura nos anos iniciais é fundamental para a formação das competências nas crianças e que devem desde cedo fazer parte de sua vida. Contudo, devem ser elaboradas novas estratégias quando a condução do processo de leitura, pois criança, seja de quilombo ou não, necessita perceber-se como parte daquilo que lê e conhece, mostrando para ela que ela também faz parte da sociedade e que suas singularidades possuem história e o mesmo valor que as demais etnias e culturas.

Percebe-se que a variação linguística em sala de aula é uma ótima ferramenta pedagógica para se trabalhar em sala de aula. A mesma contribui não somente para abordar os valores sociais nos anos iniciais, como também, o despertar logo cedo pela leitura. Para isso, é necessária uma mediação pedagógica minuciosa e atenta às questões culturais, sociais, indenitárias e a forma como isto deve ser trabalhado com a criança.

Entendo que o trabalho pedagógico frente a educação quilombola pode influenciar na construção dos valores sociais nos anos iniciais do ensino fundamental sim. De modo bastante considerável e significativo, as mesmas nos permitiram de forma muito humana e pedagógica construir explicações sobre o mundo como as relações entre as crianças e o espaço ao qual estão inseridas, como também, seus defeitos, paixões, virtudes, e as relações entre o outro e si mesmo em seu contexto social e familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Rita Cácia de. A variação linguística no ensino de língua portuguesa. Revista **Eventos Pedagógicos**. v.3, n.1, Número Especial, p. 537 – 546, Abr. 2012.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. - São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, M., GAGNÉ, G., STUBBS, M. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. - São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 15.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 10.ed. São Paulo: Ática, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Programa Gestão da Aprendizagem Escola - Gestar II. **Língua Portuguesa: Atividades de Apoio a Aprendizagem 1 - AAA1: linguagem e cultura (versão do professor).** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística.** 10.ed. São Paulo: Scipione, 2001.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, José Augusto. **Por uma política do ensino da língua.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

GNERRE, Maurizzio. **Linguagem escrita e poder.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LUCIANO, Antônia Raquel Chaves; et al. **A fábula como um gênero educativo.** Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3789848>>. Acesso em: 15 de junho de 2014.

MELO, Juliana Siedler de. **A importância do incentivo à leitura no cotidiano da educação infantil.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-incentivo-a-leitura-no-cotidiano-da-educacao-infantil/22828/>>. Acesso em 14 de junho de 2014.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: **Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática.** 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola.** 7 reimpressão, 2001. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SIMM, Juliana Fogaça Sanches. **Ensino da língua portuguesa: pedagogia.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

SOARES, Magna. **Linguagem e Escola uma perspectiva social.** 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.

Autora 1:



Deise Cristina de Oliveira Carvalho

Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Pós. em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Professoras/es (UNEB); e em Estudos do Atlântico e da Diáspora Africana (UESC); Esp. Educação Inclusiva (Líber); Pedagogia (UNEB).

Email: deisecarvalho8315@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0521492326929130>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3582-4770>

Orientadora:



Kelly Barros Santos

Orientadora, Professora adjunta de língua inglesa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Email: <https://ufrb.edu.br/cecult/>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5170562446351588>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3999-3292>

4088